

Centro de Estudos Psicanalíticos

Ensaio: E se Frida Kahlo tivesse sido mãe?

***Análise sobre a maternagem e
seus processos implícitos***

**Thaís Télis
Ciclo III - 5ª feira (noturno)**

Tema

Ensaio: E se Frida Kahlo tivesse sido mãe? – Análise sobre a maternagem e seus processos implícitos

Justificativa

Em visita à Casa Azul, em Coyoacán, Cidade do México – antiga residência dos pais de Frida Kahlo, que mais tarde virou lar da artista e de seu marido, o também pintor e muralista Diego Rivera – os visitantes confrontam-se com diversas representações artísticas e, também, artigos de decoração, cujos temas circundam a maternagem.

Magdalena Carmen Frida Kahlo Calderón, nome completo da artista, era a terceira filha do segundo casamento de um imigrante alemão e de uma mestiça mexicana. Em seu nascimento, sua mãe ainda estava em luto pela morte de seu único filho homem, que não resistiu ao momento do parto.

Psiquicamente abalada, a mãe não pode amamentar a filha, entre outros cuidados fundamentais, e a deixou sob os tratamentos de uma ama de leite índia. Dois meses depois do nascimento de Frida, sua mãe passou por uma nova gestação. A chegada, talvez precoce, da irmã parece também ter impactado os anos de infância da artista e sua relação mãe-filha.



“Mi nacimiento”, 1932

Na pintura acima, em “Mi nacimiento”, Frida resgata a sensação de abandono materno. No leito, a mãe se encontra desfalecida, com o rosto tapado por um lençol, no momento em que dá a luz à menina. No adorno do quarto, totalmente vazio, encontra-se somente um quadro com a imagem da Virgem dos Lamentos, chorando. Ali, Frida se imagina só.

Ainda como registro da infância, a pintora assina o quadro “Mi nana y yo” (abaixo), em que evidencia intencionalmente a pouca proximidade que há entre ela e sua cuidadora. A obra tem como referência a clássica cena em que mãe e filha se deleitam com a intimidade da amamentação.

Na tela da mexicana, no entanto, não há contato visual com a ama, o bebê tem o olhar perdido. A face da índia está coberta por uma máscara, que não deixa transpassar nenhum tipo de expressão. Os lábios de Frida, por sua vez, não se encaixam ao seio da mulher. Ela não suga o leite, apenas sente o líquido que cai sobre sua boca. Kahlo, portanto, não economiza em retratar o ressentimento em relação aos primeiros cuidados na infância.



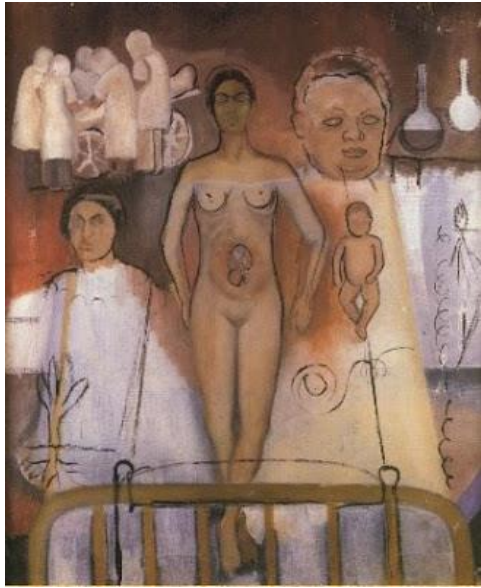
“Mi nana y yo”, 1927

No ano de 1932, o mesmo da obra “Mi nacimiento”, a artista documenta em seus trabalhos a frustração dos abortos espontâneos que sofreu. Sobre essa dor, ela confessa: *“La pintura ha llenado mi vida. He perdido tres hijos y otra serie de cosas que hubiesen podido llenar mi horrible vida. La pintura lo ha sustituido todo”* (em tradução livre, “A pintura encheu minha vida. Perdi três filhos e uma série de coisas que poderia ter enchido minha vida horrível. A pintura substituiu tudo”).

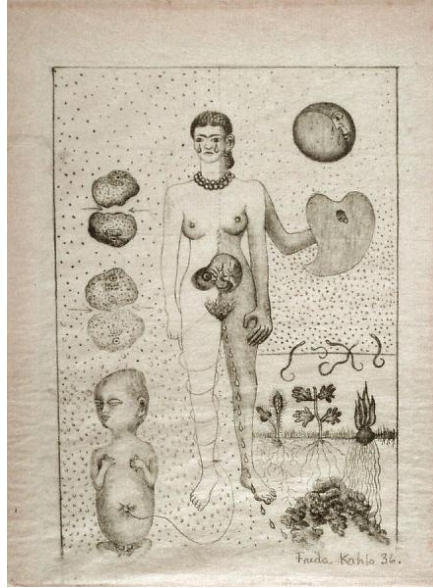


“Hospital Henry Ford ou La cama volando”, 1932, e reprodução de pôster decorativo “Intra-Uterine Life”, de autoria desconhecida, em seu ateliê na Casa Azul

A tela “Frida y la operación cesárea”, além da litografia “El aborto” (abaixo), denotam essa angústia. As tentativas de ser mãe foram inúmeras. As gestações mal sucedidas, relatadas na história de Frida, são relacionadas ao acidente de ônibus que sofreu, aos 18 anos, deixando-a à beira da morte: foi transpassada por uma barra de ferro, que chegou a atingir seu útero e, também, a deixar múltiplas fraturas, inclusive na coluna vertebral. Ao longo de sua vida, realizou 35 cirurgias.



“Frida y la operación cesárea”, 1932



“El Aborto”, 1932

Baseado neste enredo de infância, nas desilusões na vida adulta e, ainda, em seus exemplares artísticos acerca da maternidade (e a falta dela), esse trabalho pretende seguir de maneira ensaística: e se Frida Kahlo tivesse sido mãe?

Tomando como histórico familiar os traumas da relação mãe-filha e a possibilidade, fictícia, de a mexicana ter tido um filho, como se daria esse possível devotamento místico ao bebê? Haveria fantasias agressivas nesse investimento à criança? De qual maneira ela lidaria com esse poder de falo imaginário de mãe? O gancho é, nada menos, do que um estímulo à reflexão dos conceitos teórico-clínicos apresentados em aula.

Era uma vez, Frida – a filha

Antes de tudo, o contexto de nascimento da artista, em que o estado psíquico de sua mãe estava abalado pela morte prematura de filho, incita uma reflexão sobre a relevância do afeto na relação mãe-filho, no aparecimento e no

desenvolvimento da consciência do bebê. Spitz (1979) destaca essa participação como essencial, essa em que a mãe desempenha ao gerar um clima emocional favorável ao desenvolvimento do filho.

Em outras palavras: é a reciprocidade entre mãe e bebê que torna a criança capaz de construir, pouco a pouco, uma imagem coerente de seu próprio mundo. É essa parte das relações objetais que Spitz (1963) denomina de “diálogo”. Constitui-se, portanto, um ciclo de ação-reação-ação que torna o bebê capaz de transformar os estímulos, até então sem significado algum, em signos significativos.

Isso acontece porque, diferente de todos os demais filhotes mamíferos, o filhote humano, ao chegar ao mundo, não é dotado de comportamentos que permitam com que se adaptem, rapidamente, ao ambiente em que se encontra. O tempo de dependência de cuidados externos por parte dos demais animais é estritamente menor do que o período de dependência de um bebê. Este último não há o menor conjunto de recursos que garanta sua sobrevivência.

É possível afirmar que o filhote humano se mantém, por uma fase bastante razoável, em total impotência, fraqueza e desamparo, totalmente dependente desses cuidados externos para assegurar sobrevida. Suas funções adaptativas serão construídas por meio deste contato com outro humano, especialmente a pessoa que desempenha a função materna. Sem essas vias de realização, o bebê simplesmente não sobrevive.

São necessários, por exemplo, cerca de dois meses de vida para que o bebê faça uma diferenciação do ser humano em relação aos demais objetos, por

assim dizer, que o cercam. É uma percepção visual importante. Seus olhos seguem os movimentos do rosto desta pessoa próxima. Isso acontece uma vez que a face humana aparece para esse bebê sempre em situações em que seu desprazer é suprimido e, por outro lado, seu prazer é estimulado. Nenhuma outra coisa nesta fase, além da expressão humana, é capaz de estimular sua concentração.

Ao longo das primeiras seis semanas de vida, um traço mnêmico da face humana é estabelecido na memória infantil, constituindo, portanto, um primeiro signo da presença de uma satisfação de suas próprias necessidades. Ainda assim, leva um tempo para que o bebê se torne capaz de diferenciar uma face de outras. Ou seja, conseguir estabelecer um vínculo libidinal a esse objeto.

O questionamento é: será que a mãe de Frida conseguiu manter essa relação recíproca, a única que poderia oferecer um fator real para o desenvolvimento de seu bebê? Somente por meio dessa troca e fluxo contínuos é que os afetos poderiam ser os verdadeiros protagonistas nesta fase. Cada um dos dois, entre mãe e filha, deveria se complementar, satisfazendo instantaneamente as necessidades do outro.

Nesses primeiros anos de vida, Frida não teve a mãe como sua legítima parceira humana, ao passo que também não encontrou em sua ama essa mediadora ideal para sua percepção e discernimento no ambiente em que estava inserida. De quem será que foi a voz que ofereceu a ela, ainda bebê, estímulos acústicos que são pré-requisitos para o desenvolvimento da fala, por exemplo?

A mãe legítima da artista encontrava-se fragilizada desde o estado de gestação até após o parto, o que dificultou ainda mais a disposição de recursos efetivos e simbólicos para a construção desse vínculo com a filha. Ainda que a pintora relate pouca troca afetiva com essa cuidadora índia, é a melhor hipótese a de que a função materna tenha sido exercida, em algum grau, por essa mulher.

Vale lembrar que mãe é quase uma gíria psicanalítica. O que isso quer dizer? A função materna pode ser exercida por qualquer humano, que inclusive pode ser um homem. Trata-se de um sujeito castrado, no sentido de estar estruturado em torno da falta; portanto, deseja. É importante deixar claro, dentro dessa lógica, gravidez e dar à luz não são pré-requisitos para a maternagem.

O aprendizado da criança está intrinsecamente atrelado a esses sentimentos maternos, ainda que para nossa situação hipotética, eles têm advindo de uma pessoa fora da família. Nessa fase, a percepção afetiva e os próprios afetos são quase tudo em sua vivência. Quase não há outra forma de percepção.

O tal conceito do espelho simbólico se aplica aqui: é por meio do olhar da mãe, de investimento libidinal, que a criança começa a reconhecer a si própria. É uma relação fundante, constitutiva. O bebê fica alienado ao olhar de quem desempenha essa função materna, que é o que o permite se proteger de uma dispersão pulsional nessa fase.

Há, portanto, uma função humanizante. Por esse motivo, deve haver prazer nessa função. Como exemplo, o momento da amamentação deve apresentar

simultaneamente a função nutritiva, necessária, mas também a libidinal. A mãe, invariavelmente, toma seu bebê como objeto sexual.

É exatamente essa atitude emocional materna que irá conferir qualidade de vida à experiência do bebê. E isso, claro, faz com que sua personalidade passe a ser confrontada com esse modelo afetivo que lhe foi oferecido. A explicação é porque a individualidade da criança, ainda nada estruturada, aos poucos vai se abrindo, desenvolvendo e se estabelecendo progressivamente.

Dependendo, portanto, de como essa função materna foi exercida, nos casos em que tenha sido insuficiente ou simplesmente falha, a criança pode ter perfis distintos, apenas como exemplos não específicos, submissos, rebeldes, inseguros, precoces, permissivos ou hostis.

Não caberia aqui, é claro, traçar um diagnóstico clínico para nossa personagem. A ideia é estimular o debate teórico em torno dos conceitos psicanalíticos. Ainda assim, a seguir, será possível vislumbrar uma hipótese sobre como seria essa filha, uma vez que, mais tarde, deseja ser mãe.

Era uma vez, Frida – a mãe

Na fantasia da mulher, ter um filho completa a ela mesma. Já que ela era parte da própria mãe. Na gestação, a mulher se sente poderosa, completa, rainha. Não por menos, os bebês, verdadeiros príncipes e princesas, são tomados como objetos privilegiados de desejo, e essas mães vivem temporariamente a ilusão de que esse pequeno ser irá completá-las. É a ideia de que era exatamente o que faltava na vida dessas mães para que se tornem plenas.

Para Frida Kahlo, a quem a falta sempre marcou diversas fases de sua vida infantil e adulta, a maternidade lhe parecia bastante oportuna. Sua primeira tragédia ocorreu aos seis anos, e uma poliomelite a deixou de cama por vários dias. Como sequela, a mexicana ficou com um dos pés atrofiados, além de uma perna mais fina que a outra.

Mais tarde, como já mencionado, aos 18 anos, na volta para casa depois de aulas na Escola Preparatória Nacional, sofreu o grave acidente de ônibus. Não deixava de confessar: “E a sensação nunca mais me deixou, de que meu corpo carrega em si todas as chagas do mundo.”

Em nosso ensaio, não seria difícil cogitar que a pintora logo demonstraria a plena capacidade de posicionar esse bebê como objeto fálico, aquele objeto que iria reverter sua própria estrutura da falta. Viveria, portanto, essa tal ilusão de recuperar, enfim, o objeto perdido em sua vida.

Para Duidovich (2004), é um lugar específico no inconsciente do sujeito-mãe e que direcionará todos os atos e esforços no exercício da função manterna. Incluímos nesta condição a capacidade de decepção desta ilusão imaginária transitória que, se cronificada, produzirá também graves perturbações e patologias na estruturação do bebê.

Bem sabemos que cada filho, antes de se tornar real, é, antes de tudo, idealizado, ocupa um importante espaço no imaginário materno. É uma espécie de esperança materna de viver seu mundo não vivido, de não precisar renunciar aos desejos e às oportunidades frente as imposições da vida. Freud

já usava a expressão de fenômeno do duplo, que evidencia essa identificação narcísica: rainha e princesa/príncipe.

Pode-se afirmar, contudo, que é esse narcisismo que justifica esse olhar sobre o filho, que apenas os enxerga como perfeitos, ignorando qualquer possibilidade de falha ou defeito. Acabam sendo recebidos e concebidos como uma extensão da própria mãe. Ao menos, dessa vez, ela não terá de renunciar as próprias vontades. E como, portanto, conseguir colocar limites e, até mesmo, frustrar esse filho?

Isso porque sem frustração e desprazer, o ego não seria capaz de se desenvolver de maneira coerente e adequada. Para a construção desse psiquismo, desprazer também deve ser ofertado no pacote da maternagem. Há mães que têm a ilusão de ficarem simbióticas com seus filhos – o que é essencialmente algo fora da ordem do possível –, e se ela estiver exageradamente intrusiva, a criança se risca a condutas antissociais, entre outros perfis dissociativos.

Esse investimento é um risco que a mãe corre, já que temporariamente coloca em suspenso parte significativa de sua existência – outras relações pessoais e familiares, assuntos profissionais, interesses particulares diversos, entre outros – para se dedicar quase exclusivamente ao filho.

Não seria um exagero, portanto, considerar essa fase como um estado de regressão emocional da mãe, remetendo-se à época de sua própria infância, quando era ela que estava em posição de ser cuidada. Para Winnicott (1988), a fase de dependência absoluta da mulher e a forma como sua própria mãe se

adaptou e atendeu às suas necessidades são determinantes para sua maternagem.

Semanas após dar a luz à criança, esse estado de preocupação materna primária apresenta a tendência de regredir, pouco a pouco. E, de fato, isso é o que deve acontecer, pois é necessário para que depois do estabelecimento de um vínculo possa haver um corte nessa relação em que os indivíduos se fundem.

Somente assim, o desenvolvimento do bebê pode ser possível de maneira adequada. Segundo Winnicott, as mães precisam ser saudáveis tanto para entrar neste estado quanto para sair dele.

Retomando a nossa personagem fictícia, Frida Kahlo mãe, é possível especular o cenário contrário: em que ela se perde neste estado de preocupação primário, ficando presa a essa condição por tempo demasiado longo após o parto. Certamente, sem essa maternagem suficientemente boa, o caso poderia se tornar até mesmo patológico.

Para Melanie Klein, é o bom funcionamento desse laço com a mãe que permite à criança organizar o seu eu de maneira sadia e estável.

A partir desse recorte da vida da pintora, é possível pensar que esse filho, tanto desejado por Frida, nas diversas tentativas de gestação (com consequentes abortos espontâneos), nasceria para preencher um lugar especial na vida dela. É a tal da esperança materna de viver seu mundo não vivido.

A mulher, ao mesmo tempo em que se reconhece como rainha, efeito resultante de todas as fantasias e prazeres que experimenta neste instante,

reforçando ainda mais essa identificação narcísica com o bebê, ela se sente vulnerável, reconhece a perda.

Daí, possivelmente, venha a dificuldade em não projetar na criança essa posição de princesa ou príncipe depois de determinado tempo. Essa mãe pode viver tentando antecipar o futuro dessa criança baseada nas próprias faltas do momento. No entanto, sem frustrá-la, sem o desprazer, o ego não seria capaz, repito, de se desenvolver adequadamente.

Somente assim, um bebê terá condições de começar a existir, de acumular suas próprias experiências, de construir um ego, de estruturar um psiquismo, de dominar os instintos e de se deparar com os desprazeres da vida. A função materna deve ser capaz de inspirar a criança essa frustração necessária, com o objetivo de desenvolver seu desejo e sua capacidade de individuação.

Dessa dinâmica, podem surgir os investimentos agressivos. Exemplos: se Frida não pode desfrutar de sua infância com todo o vigor e intensidade, devido à doença e as sequelas que a acometeram nos primeiros anos de vida, deseja vivenciar tudo isso com seu filho.

Seria preciso, portanto, estimular mecanismos para se livrasse do cativo narcisista que poderia padecer. Mãe e filho, uma dupla emaranhada numa trama narcísica que precisaria ser desfeita. Para isso, a chave para essa dissolução seria o próprio amor materno (função materna), aquele que impõe contornos, e não um amor puramente narcísico, de frente para o espelho.

Referências bibliográficas

Duvidovich, E. (2004). Desejo materno como inscrição no corpo infantil. In T. R. Winter & E. Duvidovich (Orgs.), *Maternagem: Uma intervenção preventiva em saúde*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Freud, S. (1972a). Sobre o narcisismo: Uma introdução, (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1914).

Winnicott, D. W. (1988). *Natureza humana*. Trad. de Davi Litman Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago.

Winnicott, D. W. (1999). *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes.